



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

**IMPLICAÇÕES DA ALTERAÇÃO DO MODELO MULTISSÉRIE PARA
SERIAÇÃO EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE PALMAS DE MONTE ALTO -
BA, A PARTIR DO OLHAR DAS CRIANÇAS**

Guanambi - BA

2018

MARIVALDO SOUZA PEREIRA

**IMPLICAÇÕES DA ALTERAÇÃO DO MODELO MULTISSÉRIE PARA
SERIAÇÃO EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE PALMAS DE MONTE ALTO -
BA, A PARTIR DO OLHAR DAS CRIANÇAS**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação do Campo do Departamento de Educação – DEDC/*Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Priscila Teixeira da Silva

Linha de pesquisa: Educação do campo, Educação de Jovens e Adultos e Movimentos Sociais do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE).

Guanambi- BA

2018

MARIVALDO SOUZA PEREIRA

**IMPLICAÇÕES DA ALTERAÇÃO DO MODELO MULTISSÉRIE PARA
SERIAÇÃO EM UMA ESCOLA DE PALMAS DE MONTE ALTO - BA, A PARTIR
DO OLHAR DAS CRIANÇAS**

Aprovado em: ____/____/____

Ma. Priscila Teixeira da Silva – UNEB- *Campus XII* (orientadora)

Ma. Maria de Fatima Pereira Carvalho – UNEB – *Campus XII* (membro interna)

Me. Gilmar Vieira Freitas – IFBA – Brumado (membro externo)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir as implicações da alteração do modelo multissérie para a seriação em uma escola de Palmas de Monte Alto-BA, a partir do olhar das crianças. No decorrer do estudo, buscou-se identificar como ocorreu a inserção dos alunos da multissérie na turma seriada na cidade e analisar como os sujeitos se sentem ao incluir-se em uma nova formatação de turmas. Para tanto, foi proposto como procedimento metodológico a análise de dados obtidos a partir de entrevistas e rodas de conversas, além de observações, a fim de compreender as experiências expressas nas narrativas das crianças de uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola no interior do município supracitado para analisar as implicações da mudança da multisseriação para a seriação. As discussões tiveram como elementos apontados: seriação e multisseriação, as condições da multissérie (condições estruturais e formação dos professores) e a multissérie na educação do campo. Em síntese, a análise permitiu compreender que boa parte dos entrevistados se sente mais confortável na turma seriada no tocante a aprendizagem. Ao final do estudo conclui-se que a maioria diz que foi melhor e que aprendeu mais em uma turma seriada na cidade, contudo tal afirmativa deve-se às condições estruturais e da organização pedagógica da multissérie no campo.

Palavras-chave: Multisseriação e seriação. Multissérie na educação do Campo. Condições da multissérie.

ABSTRACT

The present article aims to discuss the implications of changing the multiserie model for serials in a school in the municipality of Palmas de Monte Alto-Ba, from the perspective of children. In the course of the study, we sought to identify how the insertion of the multiserie students occurred in the serial classroom in the city and to analyze how the subjects feel when including themselves in a new class formatting. In order to do so, it was proposed as methodological procedure the analysis of data obtained from interviews, and conversational wheels besides observations, in order to understand the experiences expressed in the narratives of the children of a class of the 5th year of elementary school of a school in the interior of the aforementioned municipality to analyze the implications and reflexes of the shift from multiseriate to serialization. The discussions had as elements pointed out: seriation and multiseriati, the conditions of the multiserie (structural conditions and teacher training), and the multiserie in the field education. In summary, the analysis made it possible to understand that a good number of interviewees feel more comfortable in the serial group regarding learning. At the end of the study it is concluded that most say that it was better and that they learned more in a serial group in the city however, this is due to the structural conditions and the pedagogical organization of multiserie in the field.

Keywords: Multiserie and seriation. Multiserie in the field education. Multiserie conditions.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa discutir as implicações da alteração do modelo multissérie para a seriação em uma escola de Palmas de Monte Alto, a partir do olhar das crianças, localizada no sudoeste da Bahia, no centro da referida cidade. Temos como objetivos específicos: identificar como ocorreu a inserção dos alunos da multissérie na turma seriada na cidade, analisar como os sujeitos se sentem ao incluir-se em uma nova formatação de turmas.

Haja vista o alto índice de alunos vindos de escolas multisseriadas do campo e do interior do município para estudar em turmas seriadas de uma escola do município supracitado, buscamos investigar como se dá esse processo de mudança da multisseriação para a configuração da seriação.

Tendo em vista o grande número de escolas que outrora eram multisseriadas no campo e que recentemente vem sendo nucleadas para a sede do município e em consequência disso passando para seriação, julgamos ser relevante um trabalho acerca desta questão, uma vez que é perceptível, através de conversas informais, a indignação de alguns pais e segmentos da comunidade que não concordam com a forma como vem sendo nucleadas e seriadas estas escolas do campo no município de Palmas de Monte Alto, no estado da Bahia, destacando as condições inadequadas de transporte das crianças, além de coloca-las em situações de risco a integridade física das mesmas.

Estas saem muito cedo de casa e chegam tarde em razão da distância e das estradas que não são de boa qualidade segundo elas, o que em consequência destas condições poderá vir a comprometer a aprendizagem e rendimento escolar de alguns alunos, pois o desgaste físico e até mesmo mental podem vir a interferir negativamente em suas aprendizagens.

Consideramos este trabalho relevante para o campo acadêmico, pois busca discutir as implicações acerca da estrutura da multisseriação e seriação, haja vista que é um tema atual e pertinente ao se tratar da educação do campo, uma vez que em sua maioria no interior do município de Palmas de Monte Alto ainda é adotado o modelo de ensino multisseriado com diversos níveis de série em uma única sala.

A pesquisa está fundamentada na abordagem qualitativa, pois apoia-se no trabalho de observação, seleção e registro das falas dos participantes, dando-nos a condição de interagir melhor com os sujeitos relacionados no trabalho. Maanen (1979 apud NEVES, 1996) enfatiza que a pesquisa qualitativa está compreendida sobre um conjunto de diferentes técnicas interpretativas as quais visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Para o autor, este tipo de pesquisa tem por finalidade, traduzir e

expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; tratando de diminuir a distância que há entre pesquisador e pesquisado, teoria e dados, contexto e ação.

Consideramos a investigação em pauta como pesquisa qualitativo, uma vez que esta nos possibilita uma interação maior entre pesquisador e entrevistado, cujos procedimentos metodológicos adotados partem da análise de dados obtidos a partir de entrevistas e rodas de conversas, observações, a fim de compreender as experiências expressas nas narrativas das crianças de uma turma do 5º ano do ensino fundamental para analisar as implicações e reflexos da mudança da multisseriação para a seriação. Assim, Godoy (apud NEVES, 2012, p. 1) menciona:

A diversidade existente entre os trabalhos qualitativos é identificar as características deste tipo de pesquisa focando o ambiente natural como fornecedora direta de dados; o seu caráter descritivo; o investigador se preocupando com as pessoas e com as coisas significantes para elas; e o enfoque indutivo.

Os colaboradores da pesquisa foram nove crianças, sendo quatro meninas e cinco meninos, com idade entre 12 e 14 anos, do município de Palmas de Monte Alto/BA. Inicialmente seriam 10 crianças ao todo, porém uma delas desistiu da pesquisa ¹.

Antes da realização da pesquisa primeiramente, foi feito um levantamento a respeito do número de turmas dentro deste estabelecimento de ensino as quais tinham alunos que vieram de escolas multisseriadas do campo, que eram 12 turmas, e se era possível realizar este trabalho na referida instituição. Conversamos com a coordenação e direção da escola para nos autorizar a dar início à pesquisa e a direção de escola não autorizou de imediato, pois segundo a direção não teria autonomia para autorizar este tipo de trabalho dentro da escola e que foi lhes passado pelo atual secretário de educação do município no início da sua gestão que primeiramente, lhes comunicasse sobre qualquer tipo de pesquisa realizada dentro da escola.

Em virtude disso, a atual diretora da escola pesquisada não autorizou o início da pesquisa antes do consentimento do secretário de educação do município. Depois do consentimento do mesmo foi nos dado o aval para a realização da pesquisa com os alunos. Vale ressaltar, que atendendo as orientações do comitê de ética foram preenchidos todos os documentos e termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) dos entrevistados e

¹ O aluno (a) não justificou a desistência, os pais ou responsáveis recusaram de assinar no termo de livre consentimento da pesquisa.

também o termo de autorização com a direção da escola e pais dos alunos pelo fato de serem menores de idade.

2. SERIAÇÃO E MULTISSERIAÇÃO

O surgimento e implantação do ensino formalizado da multissérie nas áreas rurais no Brasil não é tão recente, pois advém desde o final do II império, como salienta Azevedo e Queiroz (2010), o ensino formal nas escolas das áreas rurais começou a surgir em fins do II Império, uma vez que fora implantado de forma mais abrangente em torno das primeiras décadas do século XX. Para esses autores,

O seu desenvolvimento através da história reflete de certo modo as necessidades que foram surgindo em decorrência da própria evolução das estruturas sócio agrárias do país. Foi nesse cenário que a educação rural consolidou-se, baseada no modelo unidocente ou de classes multisseriadas, sem quaisquer orientações político-pedagógicas e curriculares para esse modelo organizativo (AZEVEDO; QUEIROZ, 2010, p. 62).

A educação no meio rural, ou seja, no campo desde os tempos mais remotos não contava com muito apoio no que diz respeito à estrutura política, organizativa e social, assim podemos dizer, quanto à questão de currículo e de estruturas pedagógicas no que tange a sua organização enquanto modelo escolar. Percebe-se que a formatação das turmas era baseada no modelo multisseriado onde existia um único professor para lidar com turmas de diferentes níveis de aprendizagem e de série em um mesmo espaço.

Para Ramalho (2008), em seus trabalhos de pesquisa sobre as escolas-classes multisseriadas rurais, toma como base a Primeira Constituição Brasileira de 1824, outorgada por D Pedro I², que tornou obrigatória a instrução primária. Dessa forma, Ramalho (2008 apud RODRIGUES, 2009), enfatiza que não obstante que o Brasil do início do século XIX fosse majoritariamente rural, a educação rural não chegou sequer a ser citada nos textos da referida constituição. Nesse sentido, enfatizam:

Apesar de o Brasil ter sua origem assentada em bases agrárias, os primeiros textos constitucionais – 1824 e 1891 sequer mencionavam a educação das populações pobres que viviam nas fazendas ou sítios, trabalhando na agropecuária, na extração vegetal, mineral, na caça ou na pesca (AZEVEDO; QUEIROZ, 2010, p. 61).

² http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm

Diante disso, percebe-se que educação de qualidade, valorização dos profissionais de educação das escolas rurais, criação de políticas públicas voltadas para as escolas do campo desde cedo nunca foram prioridades para a classe dominante e elitista deste país, pois é perceptível o descaso que se teve e ainda se tem quando o assunto é a educação das populações rurais.

Naquela época, período da primeira república, não existia estabelecimentos escolares fixos, ou seja, não havia prédios nem escolas apropriadas para os alunos, o que de fato ocorria era uma improvisação para o funcionamento do ensino. Como destaca Ramalho (2008, apud RODRIGUES, 2009), o ensino era oferecido em diferentes espaços de maneira improvisada como em igrejas, estabelecimentos comerciais, câmaras municipais e também nas residências dos próprios professores e professoras.

No que diz respeito ao método adotado e do tipo de organização do trabalho pedagógico nas salas multisseriadas, empregava-se um método conhecido na época como ensino mútuo em que um único professor (a) estava sujeito a desenvolver sua própria metodologia para ensinar, de forma diversificada, a atender aos diversos níveis de aprendizagens e de idade ensinando todos ao mesmo tempo, levando em conta o nível de desenvolvimento e maturação de cada aluno, apesar de que algumas destas características ainda continuam nas seriadas.

Diferentemente daquilo que chamamos de educação bancária, o ensino mútuo era voltado para o ensino coletivo dos alunos e não individual, a perspectiva era democrática onde o professor era tido como mediador do processo de ensino aprendizagem.

Almeida (1989, apud NEVES 2003, p.44), afirma que os “alunos eram escolhidos entre os meninos mais habilitados e que por sua vez, recebia do mestre, instrução à parte. Portanto, os monitores eram responsáveis pela instrução de uma decúria, ou seja, um grupo de 10 alunos”. Os próprios alunos que detinham um nível de conhecimento mais avançado eram tidos como auxiliares do processo de aquisição de conhecimento dentro da sala de aula, este aluno era utilizado como monitor nesse processo, o aluno era valorizado dentro das suas próprias potencialidades e limitações. É interessante que cada professor, sobretudo aqueles que atuam em turmas multisseriadas do campo, tenham autonomia de adotar e desenvolver metodologias participativas, inovadoras, democratizando o ensino e favorecendo aos educandos sentirem-se sujeitos participativos da construção da própria história.

Portanto, é preciso uma reformulação da prática docente dentro da sala de aula, sobretudo nas escolas multisseriadas. É grande o desafio que cada professor ou professora

enfrenta dentro da sala de aula, em especial nas turmas multisseriadas do campo, não é recente a realidade de escolas que na maioria das vezes ficam desamparadas de toda e qualquer atenção no que diz respeito ao cuidado com as políticas públicas voltadas para a educação rural. Por outro lado, ao professor cabe a inovação da prática, a busca por mecanismos e estratégias que venham suprir as falhas e dificuldades enfrentadas pelo educador e educadora atuantes numa escola multisseriada do campo.

Assim, é importante também saber dos próprios alunos o que eles pensam a respeito da educação multisseriada no campo, dos seus sentimentos a respeito desse tipo de ensino e discutir as suas implicações da mudança de ensino multissérie para a seriação.

2.1 Condições da multissérie e a precariedade nas escolas do campo

A oferta da educação no meio rural, cada ano que se passa tem diminuído o número de escolas multisseriadas do campo com a implementação das políticas de fechamento das escolas rurais a partir do processo de nucleação. Para justificar esta problemática, alguns municípios alegam a dificuldade de manutenção de escolas com pouco aluno, além disso, alguns gestores se defendem dizendo que com o fechamento destas escolas irão sanar os gastos com a manutenção das mesmas.

As condições da multissérie nas escolas do campo vêm se agravando cada vez mais, pois é grande o número de escolas em que se encontram sem o real cuidado e manutenção que merecem, seja física ou humana, digo humana no sentido de que nem sempre se dá uma atenção maior para os professores e professoras que atuam nas escolas multisseriadas do campo e tampouco aos alunos que nelas estudam.

Ainda é possível visualizar um panorama semelhante em muitos municípios brasileiros. Sendo assim, é importante situar o quadro da multisseriação no contexto real da Educação do Campo. Para Silva (2007, p. 33):

O desenho que se apresenta é de que (a classe-escola) multisseriada, assim como toda a educação do campo e o próprio campo como território, têm sido relegados a segundo plano, sendo essa modalidade oferecida nas regiões mais empobrecidas, com baixa densidade demográfica.

Além disso, é nítido essa situação quando nos deparamos com algumas delas no meio rural, sobretudo em regiões mais distantes da cidade. Muitas delas são prédios em estado de

precariedade, sem manutenção periódica, toda a estrutura física das mesmas precisa seguramente de uma reforma e/ou manutenção urgente.

Sabemos também que a situação das escolas do campo ainda se encontra em um contexto de precariedade e dificuldades, onde o professor ou professora ainda enfrenta limitações para desenvolver as atividades didático-pedagógicas com qualidade, como aponta Hage:

As escolas multisseriadas estão localizadas em pequenas comunidades rurais, muito afastadas das sedes do município, nas quais a população a ser atendida não atinge um contingente definido pelas secretarias de educação para formar uma turma por série/ano. São escolas que apresentam infraestrutura precária: em muitas situações não possuem prédio próprio e funcionam na casa de um morador local ou em salões de festas, barracões, igrejas, etc. – lugares muito pequenos, construídos de forma inadequada em termos de ventilação, iluminação, cobertura e piso, que se encontram em péssimo estado de conservação, com goteiras remendos e improvisações de toda ordem, causando riscos aos seus estudantes e professores. Grande parte delas tem somente uma sala de aula, onde se realizam as atividades pedagógicas e todas as demais atividades envolvendo os sujeitos da escola e da comunidade, e carece de outros espaços, como refeitórios, banheiros, local para armazenar a merenda ou outros materiais necessários. Além disso, o número de carteiras que essas escolas possuem nem sempre é suficiente para atender a demanda. (2011, p. 99).

Hage (2011), procura fazer um retrato fidedigno da realidade da maioria das escolas públicas multisseriadas do meio rural do Brasil, onde as escolas e o ensino multisseriado são visto como algo secundário pelo poder público, e o que é pior, levando muitos da comunidade local, como pais e responsáveis também a crerem que o ensino multisseriado é algo ruim e desqualificado criando dessa maneira, um mito de que os alunos não aprendem em turmas multisseriadas, e que chega até a retirar os alunos para as escolas seriadas da cidade ao justificar que nas escolas rurais não se ensina e não se aprende.

No entanto, quando estes alunos chegam à cidade, muitos deles continuam no mesmo patamar de aprendizagem. Ora, será mesmo que o ensino multisseriado do campo é tão ineficaz assim? ou será que o ensino seriado da cidade não vai tão bem como muitos pensam?

Apesar das dificuldades existentes nas escolas que se encontram nessas situações, não significa que o aluno e o professor serão reféns destas condições das estruturas físicas das escolas a ponto de ser justificativa para impedir de ensinar e aprender. Contudo, elas podem contribuir para que os alunos desenvolvam o processo educacional apesar de tantos problemas existentes nessas formas de organização do ensino e do trabalho docente.

Por outro lado, é necessário garantir a permanência e a manutenção desses alunos em seus próprios espaços socioculturais, os quais possibilitam uma maior articulação com a comunidade, além dos saberes produzidos nessa organização social oportunizando a esses alunos atuarem na realidade em que vivem a partir da compreensão da sociedade em que eles estão inseridos e por assim se fazer parte dela, associando os saberes culturais aos saberes históricos produzidos pela humanidade.

De acordo com o Ministério da Educação, (BRASIL, 2008), artigo 7º, a educação do campo deverá oferecer todo apoio pedagógico aos alunos, materiais didáticos, laboratórios, biblioteca, etc, conforme a realidade local. Portanto vale ressaltar mais uma vez que os estudantes pertencentes ao meio rural também merecem e possuem os mesmos direitos ao ensino de qualidade e gratuito, e por estar nas escolas do campo esses direitos devem ser a eles assegurados.

Sabemos que ainda há o preconceito em relação às populações rurais, isso pode ocorrer devido a dicotomização de suas diferenças culturais, sociais e econômicas com relação à cidade. E a partir desta problemática é que entra em ação o papel do educador do campo, o qual é aquele que vivencia cotidianamente tais diferenças, e que por sua vez, acaba se tornando um elo entre o campo e a cidade.

Haja vista que se espera que este professor ou professora possua os conhecimentos e vivências do meio rural, (apesar de que nem sempre estes possuem, pois muitos são de vivências urbano-cêntricas, e o contato com o campo é apenas no período da aula) os quais poderá transmitir informações pertinentes àquelas pessoas que desconhecem a realidade da vida e do universo do campo. Além disso Hage (2006, p.04) acrescenta,

Entendemos que o enfrentamento dos graves problemas que afligem a multissérie para ser efetivo deve considerar os desafios mais abrangentes que envolvem a realidade sócio-econômica-política-ambiental, cultural e educacional do campo, em que se destacam: a degradação das condições de vida, que resulta na intensificação da migração campo-cidade; e o fortalecimento de uma concepção urbano-cêntrica de mundo que generaliza a ideia de que o meio urbano é superior ao campo.

Assim, o problema maior da multissérie talvez não seja a falta da seriação, mas sim a falta de condições para que ela como modelo difundido no campo brasileiro aconteça com qualidade. Sendo assim, é necessária a transgressão desse modelo urbano-cêntrico da seriação para que se ofereça uma educação de qualidade. Modelo esse que se fundamenta na rigidez com que trata o tempo escolar impondo a fragmentação em séries anuais e um processo

contínuo de provas e testes aos estudantes, como requisito para a progressão no sistema educacional (HAGE, 2006).

Uma nova perspectiva da multissérie na educação do campo seria, portanto, uma escola que gozasse dos mesmos direitos e privilégios da escola urbana, para garantir às populações do campo o direito à educação de qualidade desde os primeiros anos da educação infantil e ensino fundamental. Estas escolas precisam sair do anonimato e ser inseridas e, sobretudo incluídas nas agendas das secretarias não só municipais como também estaduais e das universidades do nosso país.

2.2 O trabalho pedagógico e a formação de professores

Considerando então a escola enquanto ambiente de aprendizagem, relações de saberes, espaço de descobertas e conquistas. Viver e estudar no campo é muito mais que isso, é também reviver a história e reencontrar consigo mesmo nas suas crenças e religiões na cultura local de cada aprendiz.

Nessa perspectiva, Rocha (2009) destaca que a educação do campo está voltada aos povos que dão vida ao campo brasileiro e esta modalidade educacional de ensino respeita o modo de vida e a identidade desta população. Sabe-se que a educação do campo está voltada para o povo do campo e dar-lhes o seu devido valor através de uma educação de qualidade e condizente com a sua realidade local enquanto cidadão camponês é uma conquista e luta de todos.

Isso é algo que vem aos poucos sendo conquistado com o passar dos anos, graças também aos movimentos sociais que lutam pelos direitos do povo do campo, e a educação do campo e no campo é algo imprescindível para eles. Reforçando esta ideia, Santos e Silva (2007, p. 01) vêm dizer que:

A educação no e do campo tem um vínculo de origem com as lutas sociais camponesas. Este vínculo lhe confere um traço de identidade importante. Busca construir um outro olhar para a relação: campo e cidade vista dentro do princípio de igualdade e diversidade cultural.

Nessa perspectiva, Silva e Oliveira (2011, P. 04), vem enfatizar que “apesar de existirem dificuldades, vale ressaltar que os estudantes pertencentes ao campo também são alunos que merecem e possuem o direito a um ensino de qualidade”.

Dessa forma, mais que um direito de cada estudante, “o processo escolar deve adequar e reconhecer a diversidade sociocultural e o direito à igualdade e às diferenças” (SECAD, 2007, p.36). Endossando essa ideia, Silva e Oliveira (2011, p. 05) assinalam:

Na escola multisseriada assim como na seriada, o objetivo principal é conseguir proporcionar ao aluno um conteúdo de qualidade, para que ele tenha um aprendizado satisfatório resultando no desempenho educacional. Porém a Educação do Campo e a classe multisseriada, possuem peculiaridades especiais, uma vez que educador encontra a dificuldade em trabalhar com séries distintas em um único espaço, além de ter que conseguir adaptar o conteúdo programático a realidade de vida dos alunos de determinada região, o que denota desafios a serem superados.

De fato, este deveria ser um ideal da educação para a escola multisseriada, porém sabe-se que, muito longe do que se propõe para uma educação de qualidade e que tenha aprendizagem satisfatória, está a realidade da maioria das escolas. Tanto as escolas multisseriadas do campo quanto as seriadas da cidade, pois ainda é insuficiente este atendimento específico às escolas que erroneamente é rotulada de escolas “isoladas”.

3. DA MULTISSÉRIE PARA A SERIAÇÃO: o olhar dos alunos do 5º ano de uma escola de Palmas de Monte Alto-BA

Tendo em vista o alto índice de escolas multisseriadas do campo que vem sendo fechadas nos últimos anos no interior do município de Palmas de Monte Alto-BA, tornou-se necessário uma pesquisa que busque investigar e ouvir o que pensam os alunos de uma turma do 5º ano de uma escola do interior do município acima mencionado, a respeito desse processo de alteração do modelo multissérie para seriação e quais as implicações na vida escolar deles.

Ao dar início a pesquisa primeiramente, foi feita uma observação da turma com todos os alunos na mesma sala e depois, em outra ocasião foi feita uma entrevista através de uma roda de conversa com os alunos e alunas que concordaram, com o consentimento dos pais, em participar da pesquisa. A entrevista foi feita em duas etapas com eles, primeiro o grupo dos meninos e depois o grupo das meninas. Esta configuração partiu da evidência de evitar constrangimentos dos participantes meninos e meninas uns com os outros e supondo que poderiam deixar de falar tudo que gostariam por estarem na presença das meninas, no caso os meninos, e vice-versa. Com a permissão do professor da turma, foi retirado da sala o grupo dos meninos e das meninas respectivamente para nos reunirmos em sala à parte nas dependências da escola.

Para direcionar a nossa roda de conversa, foi escolhido um roteiro para guiar melhor o nosso trabalho e cada participante da pesquisa terá um codinome C1, C2, C3, C4. Os pseudônimos são utilizados para garantir o anonimato dos alunos e respeitando as normas do conselho de ética, as nomenclaturas utilizadas são a letra inicial da palavra criança, seguida de um número para melhor definir cada uma delas.

Para discutir as implicações da alteração do modelo multissérie para a seriação a partir do olhar das crianças, apresentaremos um perfil do desenvolvimento da pesquisa visando saber como elas (as crianças pesquisadas) se sentem com esta nova configuração de ensino. Além de apresentarmos como é feito esta constituição das turmas que vem das escolas rurais do interior do município, discutiremos também as condições estruturais das escolas do campo, as condições pedagógicas, o trabalho pedagógico e também falaremos um pouco da formação do professor.

3.1 Da multissérie no campo à turma seriada da cidade: como os alunos se sentem?

Na constituição da turma pesquisada não foram adotados nenhum critério específico para a inserção dos estudantes da multissérie para esta turma seriada. Aleatoriamente foram agrupados alunos e alunas de diferentes escolas multisseriadas do campo em uma escola seriada da cidade juntamente com outros alunos que já tinham experiências deste outro modelo de formatação de turma que é a seriação. Uma parte desta turma que pesquisamos já vinham de escolas em que o modelo de ensino era o seriado, de fato as escolhas não foram pensadas no alunado, não se consultou a opinião dos mesmos e tampouco a da comunidade escolar de cada localidade se gostariam ou não de serem inseridos nesta nova estrutura de ensino.

Sendo assim, percebe-se que no processo de nucleação das escolas do campo não é levado em consideração os alunos, eles não são ouvidos, as mudanças são feitas de maneira vertical e aleatória, partem sempre dos interesses políticos do município, os alunos são retirados do campo, das escolas multisseriadas e levados para a cidade e chegando lá são colocados em uma turma seriada, não levando em conta suas vontades e escolhas, na verdade eles não tem escolhas.

Contudo, diferente do que imaginávamos, a maioria dos alunos manifestou que com esta nova configuração de turma se sente melhor, acha que aprende mais. No entanto, isso não quer dizer que a escola multissérie é ruim, o que é realmente ruim, é como a escola

multisseriada é tratada, na grande maioria deixada sem assistência, sem apoio, falta acompanhamento por parte da secretaria de educação, dos coordenadores pedagógicos, falta material didático, falta água potável para beber e água nos sanitários para lavar as mãos, assim relataram os alunos.

Durante a roda de conversa com os alunos ao perguntá-los como eles viam e o que achavam da escola quando era multisseriada e o que eles mais gostavam, responderam:

C1: Eu sinto falta é que lá... não levava suspensão... nem tinha diretor direito, já aqui na sala aqui já leva, lá agente jogava bola.

C2: era perto de casa né, não era longe não.

C1: não cansava direito... todos nós jogávamos bola, agora é cansativo.

C4: de primeiro agente chegava em casa rapidinho, agora chega em casa muito tarde por causa do ônibus e da estrada, é ruim por isso.

Percebemos nas falas dos sujeitos (descritas acima) que estudar em uma escola multisseriada, em si, não é algo tão ruim na visão de algumas crianças. Ao falar de suas escolas onde antes estudavam, fica explícito o gosto e a satisfação em estudar em uma escola do campo, perto das suas casas, onde a distância não era empecilho para irem para a escola.

Como vimos nos relatos dos sujeitos, eles gostavam de estudar em suas comunidades, perto das suas casas, brincavam uns com os outros, se sentiam em casa. Isso significa que conviver em harmonia com seus pares, vivenciando a sua cultura local, suas crenças, suas tradições culturais, é sentir-se inseridos no campo e na sua realidade local enquanto gente que vive e tem elos com suas raízes familiares e de vivência local.

Entretanto, ao serem questionados como se sentiam em estar uma turma seriada na cidade, alguns dos participantes responderam que aprendem mais. Ao questioná-los por que aprendiam menos na classe multisseriada, afirmam:

C1: Era um rebanho de turma, quando eu estudava lá é... eu aprendia pouca coisa..., agora numa série só aprende muito.

C2: Que...que... tudo junto bagunça muito.

C1: Aí a professora não dá conta de falar com todo mundo.

C3: As atividades lá tinham que fazer uma primeiro, pra depois fazer as outras turmas. (Roda de conversa, 2018).

Por meio das falas, as crianças deixam transparecer que a prática docente dentro da sala de aula, naquela época, tempo em que estudavam nas escolas multisseriadas do campo, era um tanto limitada a vários fatores externos. No olhar das crianças pesquisadas, a professora até queria ensinar a todos ao mesmo tempo, porém a turma era muito cheia e os alunos bagunçavam muito, enquanto a professora cuidava de ensinar as tarefas para as

crianças da pré-escola, os outros alunos do 3º e 4º ano ficavam parados e com isso começava a bagunça, enfatiza uma das crianças _C2: Que...que... tudo junto bagunça muito. Dessa forma, os alunos percebem o lado ruim de estudar numa turma multisseriada. No decorrer das falas dentro da roda de conversa, eles afirmam ainda que antes aprendiam menos e agora mais, e em seguida justificam que era por ficar muito tempo parado esperando outros alunos de outras séries terminarem a atividade.

Neste sentido, percebe-se que algumas escolas multisseriadas do campo apresentam características de uma turma seriada no que diz respeito à didática de ensino, como realização de atividades e conteúdos divididos em blocos por série. Nessa perspectiva, o assunto é aplicado por série apesar de estar dentro de uma turma multissérie, é o que podemos perceber quando a criança diz que a professora tinha que fazer uma atividade, para depois fazer as outras turmas, ou seja, atendia-se uma série para depois atender a outra.

Contudo os professores ficam, na maioria das vezes sem alternativas, pois encontram-se diante de uma sala de aula com inúmeros desafios, como superlotação de turmas, sobrecarga, condições estruturais decadentes, e ainda são cobrados a apresentar bons resultados no final de cada ano letivo à secretaria de educação de seus municípios, que por sua vez, muitos deles não oferecem o suporte necessário aos professores.

Em consonância com as ideias supracitadas, Moura e Santos salientam:

As classes multisseriadas continuam a ser um grande desafio a ser enfrentado pelas políticas públicas educacionais, que infelizmente tem encontrado como solução a esse desafio a gestão de políticas como a nucleação e transporte escolar. O resultado dessas políticas tem sido o esvaziamento do campo, já que, na última década foi marcada pelo fechamento de um grande número de escolas do campo. Esse parece ser o grande impacto dessas políticas no campo brasileiro quando falamos de educação (2012, p.05).

Desse modo, as políticas públicas de educação destinadas às escolas do campo multisseriadas têm sido apenas um sonho dos que nele habitam, pois a concretização destas tem ficado em segundo plano nas metas de muitos que gerenciam tais recursos que deveriam ser usados para a manutenção com qualidade destas escolas em pleno funcionamento no seu devido espaço no campo, pois não é simplesmente retirando os alunos do campo que se resolve o problema da ineficiência da educação brasileira e tampouco os problemas educacionais locais.

A maioria das escolas apresenta situações semelhantes quando o assunto é investimento destinado à qualidade da educação. São professores angustiados, esgotados

porque por si só não conseguem resolver os problemas da educação, alunos não conseguem avançar na aquisição da aprendizagem, salas de aulas superlotadas e com alunos de diferentes idades, situações de indisciplina, na maioria das vezes escolas deturpadas e espaço físico inadequado.

Quanto a isso, vejamos o que dizem os alunos:

C5: lá tinha banheiro, mas não tinha água, agora tem banheiro para deficiente. Lá, tinha vez que a merendeira trazia água da casa dela.

C6: a água era de cisternas, o carro pipa demorava, era pequeno o banheiro ficava sem lavar as mãos porque não tinha água. Ficava muitos dias sem merenda.

C7: faltava água, falava (*o pessoal da prefeitura*) que ia levar e demorava a professora pedia, mas não levava.

C8: não tinha material, eu escrevia com toquinho de lápis. Hoje tá melhor, tem mais espaço, lá era mais apertado e muito menino na sala.

Ao analisar as falas das crianças, podemos notar a falta de atenção para com as escolas multisseriadas do campo, através da falta de abastecimento de água, faltava merenda e até mesmo água nos banheiros para a realização das necessidades básicas. Conclui-se que os gestores municipais e os responsáveis para que a educação de qualidade acontecesse verdadeiramente, não cumpriam plenamente com o seu papel enquanto administradores dos recursos destinados à manutenção da educação gratuita e de qualidade para todos, sobretudo para o povo do campo.

Sendo assim, as condições estruturais das escolas rurais e as condições da multissérie ficam aquém do que realmente é de direito de cada aluno, educação gratuita e de qualidade para todos, e quando se diz todos, não deve haver distinção social e tampouco geográfica dentro de um mesmo município. Nota-se em algumas falas, que as escolas do campo eram mal assistidas e quando eles chegaram à cidade, a escola era “melhor” não existia os mesmos problemas que outrora existiam na escola rural. Nesta perspectiva, Hage (2008, p.02) afirma:

A oferta irregular da merenda também interfere na frequência e aproveitamento escolar, pois quando ela não está disponível, situação aliás, muito comum nas escolas multisseriadas, constitui-se num fator que provoca o fracasso escolar. De fato, estudar nessas condições desfavoráveis, não estimula os professores e os estudantes a permanecer na escola, ou sentir orgulho de estudar em sua própria comunidade, fortalecendo ainda mais o estigma da escolarização empobrecida que tem sido ofertada no meio rural, e incentivando as populações do campo a buscar alternativas de estudar na cidade, como solução dos problemas enfrentados.

Esta é a realidade de muitas escolas rurais, todavia vale refletir que a saída para as escolas seriadas da cidade não se resume apenas em não querer estudar no campo, não que as escolas rurais sejam de fato ruim, o as tornam ruins são como elas são atendidas, ou melhor, não são atendidas pelos municípios como deveriam verdadeiramente.

Por outro lado, em se tratar de condições das escolas multisséries, vale ressaltar o trabalho árduo, desgastante e angustiante de muitos professores e professoras de turmas multisseriadas, ao lidarem com diversas séries dentro de uma única sala de aula em que o docente tem que ser “tudo” ao mesmo tempo para tentar dar conta das demandas que ali vier ocorrer. Como por exemplo: distorção idade-série, turmas muito cheias e com níveis de aprendizagem bem distintos dentro de uma mesma série, falta de material didático como o próprio livro didático, sobrecarga do professor (a), conversas paralelas, isso podendo ser devido o tempo ocioso para os alunos, às vezes por falta de atividades para os mesmos, dentre outras questões.

Reforçando as ideias acima, Hage (2005, p.07) assegura:

Nessas escolas, os professores e professoras atuam na docência com até sete séries concomitantemente e se sentem angustiados ao ter que planejar e desenvolver as atividades pedagógicas para todas essas séries em um mesmo espaço e ao mesmo tempo. Sem uma compreensão crítica, muitos professores e professoras do campo já organizam o seu trabalho pedagógico sob essa lógica da seriação, realizando a transferência mecânica de conteúdos, através da cópia ou da transcrição do quadro, fragmentando o espaço escolar em grupos, cantos ou fileiras seriadas, como se houvesse várias salas em uma, separadas por “paredes invisíveis”.

Portanto, as escolas do campo multisseriadas passam a ser salas de aulas seriadas dentro de uma escola multisseriada, tem as mesmas características da seriação no que diz respeito à pedagogia de distribuição dos conteúdos por série, onde infelizmente o professor talvez não por vontade própria, mas por ser forçado a desenvolver este trabalho multifuncional dentro de uma sala de aula mista e heterogênea, buscando atender a todos os alunos cada um no seu tempo e espaço possível.

Todavia, enquanto alguns alunos estão sendo atendidos, outros estão parados ou até mesmo com atitudes de indisciplina dentro da sala de aula pelo fato da professora estar ocupada atendendo as outras crianças de outro nível de aprendizagem, de “outras turmas” como diz um dos alunos.

E ainda sobre a estrutura e as condições da multissérie, uma das crianças, aqui chamada de C6, diz que “era muita criança gritando e barulho, não dava pra poder concentrar”. No decorrer das falas, a respeito do número de crianças por turma e sua faixa etária os alunos dizem:

C7: tinha gente de 10, 12 e até 15 anos juntos com crianças de 4 e 5 anos, era uns 30 ao todo, não tinha diretora, a professora era tudo.

C8: Os meninos ficavam ligando o telefone o tempo todo, era desobediente, não obedecia a professora, a professora quase perdia o bebê por causa do agitação, agora mudou o barulho, antes era como feira.

C6: O tempo era curto, a professora não tinha tempo, agora dar pra concentrar por causa das crianças pequenas que não tem mais.

C7: Tinha um aluno de 15 anos que desistiu, já tinha repetido de série três vezes, não gostava da escola.

C7: Eu mesmo perdi no 3° ano por causa do barulho.

Analisando as falas acima percebe-se que outro problema presente nas turmas multisseriadas em que estudavam os participantes desta pesquisa, era a falta de atividades para preencher o tempo em que os alunos que ficavam sem fazer nada, segundo eles, pois enquanto a professora ensinava os de uma série mais avançada os menores ficavam sem atividade e sem acompanhamento, sendo assim iam conversar um com o outro, da mesma forma acontecia com os maiores quando ficavam sem atividade. Assim sendo, ao nosso ver, em uma perspectiva de turma multisseriada o ideal seria que não houvesse esse tempo livre, se o trabalho fosse feito de forma não seriada dentro de uma turma multisseriada.

Além das conversas paralelas, por mais que a professora quisesse não seria tão fácil manter uma sala de aula com 30 alunos de diferentes idades juntos, quatro, cinco e até de quinze anos em silêncio total, até porque crianças precisam interagir-se uma com a outra, socializar-se, conhecer-se e conhecer o outro, e a escola é, na maioria das vezes, um dos únicos espaços que favorece isso a elas.

Diante disso, reconhecemos que o trabalho do professor ou professora da multissérie não é um trabalho fácil de desempenhar, pois as condições da maioria das escolas rurais não são das melhores. No que diz respeito ao papel do professor, este por sua vez não sente amparado por uma equipe pedagógica presente rotineiramente nas escolas do campo, dando-lhes assistência pedagógica com insumos didáticos ao professor para que o mesmo realize um trabalho eficiente frente aos desafios por eles enfrentados todos os dias na sala de aula, que por sua vez, não são poucos.

Também é grande o número de crianças por turma, e mesmo que não fosse isso, já seria difícil para o profissional desempenhar um bom trabalho com tamanha escassez de

material didático, diferenças no que diz respeito aos níveis de conhecimento, distorção na idade/série em que se encontram os alunos, sobrecarga do professor, turmas lotadas, espaço físico inapropriado na maioria das vezes, poucos incentivos e valorização do professor e professora, dentre outros.

Reforçando esta assertiva, Silva (2007, p. 33) diz:

O desenho que se apresenta é de que (a classe-escola) multisseriada, assim como toda a educação do campo e o próprio campo como território, têm sido relegados a segundo plano, sendo essa modalidade oferecida nas regiões mais empobrecidas, com baixa densidade demográfica.

Fica perceptível que as pessoas do campo sofrem com a falta de investimento público por parte das autoridades que geram os recursos financeiros, principalmente os destinados à educação que deveria ser uma educação de qualidade, com oferta de boas condições físicas e de recursos materiais para os alunos e condições dignas de trabalho ao docente bem como valorização do profissional da educação que se esforça para desenvolver um bom trabalho dentro da sala de aula e na maioria das vezes, quando não sempre, é desvalorizado.

Na sequência, todos os alunos disseram que na escola multisseriada no campo era bom porque eles brincavam de pega-pega, polícia e ladrão, esconde-esconde, pecinha de montar, jogar bola, dama, entre outras brincadeiras. No decorrer do trabalho, os alunos dizem que o que mais gostavam na outra escola, a escola multisseriada do campo, era o momento do recreio, pois brincavam e se divertiam muito.

Ao perguntá-los sobre o que mais gostavam na escola multisseriada do campo e sobre as boas lembranças de lá, e comparando as duas escolas qual a avaliação que eles fariam, e como eles viam a escola hoje depois da seriação, eles respondem:

C1: __ Lá na nossa sala só tinha uma professora sozinha, agora é duas.

C2: __então... na nossa também...

C3: “lá também era difícil...era uma série e outra né...”

C2: “na nossa escola nem tinha diretora”.

C3: “lá quando o professor mandava agente fazer um trabalho era ruim... mandava agente vim na rua... comprar material.”

C2: “lá era pequenininho, não era?... a professora quando agente ia fazer a prova... mandava agente sentar lá fora, num patinho pequenininho, botava a cadeira nossa lá”.

Uma das afirmações que nos chama atenção é a falta de material didático, falta de direção na escola e a falta de livros, em que os alunos C2 e C3 denunciam esse fato. Fica claro que as escolas multisseriadas localizadas no campo não estão bem assistidas pelos gestores públicos equiparadas às escolas da cidade, as falas dos entrevistados denunciam a falta de

políticas públicas, de assistência à educação de qualidade e igualdade para todos, inclusive para os alunos do campo.

Diante disso, podemos afirmar que as escolas multisseriadas do campo têm sido deixadas de lado quando o assunto diz respeito às políticas públicas de assistência social para as classes camponesas menos favorecidas e a educação entra neste meio como algo em segundo plano para a maioria dos gestores públicos. Ao se tratar da formação docente e partindo da ideia de uma educação de fato, humanizadora e transformadora da sociedade, é importante conhecer a realidade para a partir desta, pensar numa formação que atenda às peculiaridades do professor enquanto formador de opinião e nas especificidades de seus educandos.

3.2 O desafio dos professores e a relação com a formação

É gritante a situação em que se encontram muitas escolas rurais no interior dos municípios do nosso Brasil. Ratificando as palavras de Silva e Oliveira (2011), é desafiadora a missão dos professores que enfrentam as salas superlotadas, sem material didático na maioria das vezes, várias séries distintas em um único espaço, adaptação dos conteúdos à realidade dos alunos, falta de formação específica para a área em que atuam dentre outros desafios.

Sabemos que há um agravante ao se tratar da multisseriada no campo, que é a questão da formação específica e continuada para os professores e professoras que lidam diariamente com estas realidades. Por sua vez a maioria dos professores e professoras que atuam nas turmas multisseriadas do campo, não têm formação ou especialização adequada para a área em que estão ensinando, muitos são graduados em uma área específica qualquer, como inglês, física, química, ou biologia, por exemplo, e estão na sala de aula multisseriada no campo.

Sendo assim, seria melhor se o profissional que estivesse dentro das salas de aulas multisseriadas no campo tivesse uma formação específica para atuar naquela área, no mínimo uma graduação ou especialização em Educação do Campo, o que em muitos casos alguns não têm nem mesmo uma graduação em Pedagogia.

Portanto, se tratando da formação dos professores (as) das escolas multisseriadas do campo, seria necessário mais formações voltadas para esse tipo de configuração de ensino, (escolas multisseriadas) e cursos formativos e de apoio didático pedagógico oferecidos por parte das secretarias de educação através de equipes de apoio pedagógico, sobretudo, para o professor (a).

Todavia, esse acompanhamento e formação para estes professores não deve vir de “do todo para as partes”, mas sim “das partes para o todo”, do começo para o fim e não o inverso. Exemplificando melhor, estas formações e acompanhamento pedagógico não devem ser aquele tipo de formação que se esbarra na teoria e no papel e quase nada ajuda para a prática docente dentro de uma sala de aula multisseriada com “mais de trinta alunos de diferentes níveis de aprendizagem e de idade”, como dizem das crianças entrevistadas.

Para Frigotto (1996, p. 01), o projeto alternativo para qual se devem formar os professores “centra-se na ideia de que, em primeiro lugar, vem as pessoas e estas não podem ser sacrificadas em nome da reestruturação produtiva”. É preciso haver um diálogo entre os gestores e os professores (as) e também alunos (as) para que as suas angústias sejam ouvidas, as suas inquietações sejam escutadas para que os mesmos sejam realmente um dos protagonistas para a melhoria da educação municipal, estadual e também nacional.

Nesse sentido Severino (2006, p. 65), afirma: O único instrumento de que os homens dispõem para reverter esse quadro é o próprio conhecimento, do qual os educadores são como que os funcionários. [...] No caso do agir humano, não são mais determinações mecânicas ou metafísicas que impõem seu rumo. É o próprio homem que precisa estabelecer suas referências de ação, graças a seu equipamento de subjetividade. Mas isso não se dá espontaneamente, como se fosse uma intencionalização espontânea. É preciso todo um investimento de reflexão, de exercício planejado de sua subjetividade. É preciso uma aplicação rigorosa do conhecimento.

Assim sendo, este acompanhamento das secretarias de educação deve ser para apoiar a prática do professor e dar suporte pedagógico quando estes já não sabem e não conseguem fazer muita coisa além de se indignar com as reais condições em que se encontram a maioria das escolas multisseriadas do campo, muitas delas abandonadas pela maioria dos gestores que muitas vezes vão à escola no início do ano letivo e nas jornadas pedagógicas e não voltam mais para um acompanhamento assíduo ao trabalho didático e pedagógico do professor.

Em suma, os processos formativos voltados para os professores e professoras e tendo como alvo principal a aprendizagem dos alunos devem ser repensados e implantados com o intuito de sanar os desafios presentes na educação rural. E pensar no que isso implica nos alunos é sempre uma questão para se questionar, por isso, ao discutir as implicações que a alteração do modelo multissérie para a seriação, visando identificar como ocorre essa inserção das turmas e analisar como estes sujeitos se sentem ao ser inseridos nela, é uma questão que tem muito a ver também com os processos formativos dos professores e suas práticas pedagógicas dentro da sala de aula, pois isso reflete diretamente na aprendizagem deles.

4. CONCLUSÕES

O objetivo geral desta pesquisa foi discutir as implicações da alteração do modelo multissérie para a seriação em uma escola do município de Palmas de Monte Alto a partir do olhar das crianças.

O texto trouxe um pouco do histórico e origem da seriação e multissériação no Brasil, a partir da ótica de alguns autores elencados no corpo do texto, os quais vêm nos atualizar acerca da temática em estudo. Além disso, fora discutido as condições estruturais e pedagógicas da multissérie no Brasil, tendo como um dos suportes teórico para as discussões o autor Salomão Hage que faz um retrato fidedigno da realidade da maioria das escolas multisseriadas brasileiras. Onde na oportunidade falamos das principais demandas e dificuldades enfrentadas pelo professor e professora que lida com turmas multisseriadas no campo.

Problematizarmos sobre a falta de políticas públicas direcionadas às escolas multisseriadas do campo, as quais, em sua maioria, ficam sem receber a real assistência que deveria, e assim o professor, o aluno e a sociedade em geral são prejudicados com isso. Além disso, no decorrer do texto nos deparamos também com as discussões acerca do trabalho pedagógico e formação do professor que atua nas salas de aulas multisseriadas do campo, que não recebem formação necessária e periódica para trabalhar com as turmas em que se encontram.

As falas dos alunos evidenciam as principais implicações e mudanças que ocorreram em sair do modelo multisseriado do campo para o modelo seriado das escolas da cidade, e como se sentem em estar em uma nova formatação de ensino, afirmando que aprenderam mais com esta nova configuração de turma, mas tal afirmativa se dá em comparação as condições precárias de funcionamento da multisserie.

Portanto, diante da abrangência do problema que era discutir as implicações da alteração do modelo multissérie para a seriação em uma das escolas do município de Palmas de Monte Alto a partir do olhar das crianças, surgiu-se novas problematizações e direcionamentos a partir das questões levantadas. Chegamos à conclusão de que poderíamos continuar a pesquisa posteriormente e com uma nova perspectiva, a de investigar e analisar o que dizem e como se sentem os professores que atuam com turmas multisseriadas no campo, além de abrir leque para a discussão da formação do professor e o trabalho pedagógico dos

mesmos. Assunto que daria subsídio para continuar a pesquisa posteriormente acerca destas problemáticas.

REFERÊNCIAS

FRIGOTTO, Gaudêncio. A formação e a profissionalização do educador: novos desafios. In: SILVA, Tomaz Tadeu da & GENTILI, Pablo (org.). **Escola S.A: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. Brasília, CNTE, 1996.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. A Multissérie em pauta: para transgredir o Paradigma Seriado nas Escolas do Campo. In: Antônio Munarim, Sonia Beltrame, Soraya Conde e Zilma Peixer. (Org.). **Educação do Campo: políticas públicas, territorialidades e práticas pedagógicas**. 1ed. Florianópolis: Editora Insular Ltda. 2006. p. 123-144. Disponível em: https://faced.ufba.br/sites/faced.ufba.br/files/multiserie_pauta_salomao_hage.pdf. Acessado em agosto de 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – Câmara de Educação Básica, **Resolução Nº 2, de 28 de ABRIL de 2008**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=323:orgaos-vinculados>. Acessado em: 19 agosto 2018.

MOURA, Terciana Vidal; SANTOS, Fábio Josué Souza dos. **Formação e Gestão do Trabalho Pedagógico dos Professores do Campo na Conjuntura das Políticas Educacionais de Regulação: Que Princípios? Que Diretrizes? Que Epistemologia?** In: Anais X Seminário Internacional da Rede Estrado, 2014, Salvador-Ba. Anais do X Seminário Internacional da Rede Estrado, 2014.

Disponívelem:<<https://www.trabalhosgratuitos.com/Outras/Diversos/CARACTER%20TICAS-DA-PESQUISA-QUALITATIVA-E-QUANTITATIVA-609485.html>> acesso em 11 de agosto 2018.

MOURA, Terciana Vidal, SANTOS, Fábio Josué Souza dos. **A Pedagogia Das Classes Multisseriadas: Uma perspectiva contra-hegemônica às políticas de regulação do trabalho docente**. In: Debates em educação. Alagoas: Programa de pós graduação em educação. 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/361766054/1-A-PEDAGOGIA-DAS-CLASSES-MULTISSERIADAS-PERSPECTIVA-CONTRA-HEGEMONICA-pdf>. Acessado em agosto de 2018

MOURA, Terciana Vidal. **Políticas Educacionais De Regulação: Que Princípios? Que Diretrizes? Que Epistemologia?** - maio de 2014. In: X Seminário Internacional da Rede Estrado, 2014, Salvador-Ba. Anais do X Seminário Internacional da Rede Estrado, 2014.

NEVES, Fátima Maria. **Método Lancasteriano e a formação disciplinar do povo** (São Paulo, 1808-1889) / F. M. Neves. – Assis,SP : [s.n.], 2003.

OLIVEIRA, Mara Rita Duarte de; OLIVEIRA Nazareno do Socorro da Silva. **Classes Multisseriadas: Práticas, Memórias E Formação Docente**. 2015. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3070/3091>> Acessado em agosto de 2018.

SEVERINO, Antonio J. Formação, perfil e identidade dos profissionais da educação: a propósito das Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia. In: BARBOSA, Raquel Lazzari L. **Formação de Educadores: artes, ciências políticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p. 61-72.

SILVA, Erica Flores da, OLIVEIRA, Suzane. **Escola Multisseriada: uma Realidade da Educação do Campo**. 2011. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Educação do Campo) - Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/38405/R%20-%20E%20-%20ERICA%20FLORES%20DA%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em agosto de 2018.

SILVA, Ilsen Chaves da. **Escolas multisseriadas: quando o problema é a solução**. Lages. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense. 2007.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/Cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acessado em agosto de 2018.

SANTOS, Elisete Cristina Gonçalves dos e SILVA, Irizelda Martins de Souza e. **Políticas Públicas para a Educação no Campo: revisando as Implementações do Sistema Nacional Para a Formação de Educadores**. 2007. Disponível em: http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2007/anais/elisete_cristina_goncalves_dos_santos.pdf. Acesso em agosto de 2018.